REFLEXÕES SOBRE A OBSERVAÇÃO DA REALIDADE PSÍQUICA [1988]

Shakespeare revelava sempre nas cenas iniciais de suas peças o assunto que de elas iriam tratar. É minha intenção apresentar, neste artigo, vários tipos de cenas para ilustrar meu modo de refletir sobre um determinado tema. Em todos os escritos de Shakespeare observa-se sua habilidade em usar imagens e representações, bem como sua extraordinária e rigorosa sensibilidade para a realidade psíquica. Sua obra revela percepção intuitiva do sensorial e do não-sensorial, semelhante ao que podemos observar e experimentar na psicanálise. Para os psicanalistas kleinianos o Soneto n° 29, que se segue, faz lembrar os postulados de Melanie Klein das posições esquizo-paranóide e depressiva e, implicitamente, suas teorias sobre inveja, avidez, gratidão, culpa, clivagem e identificação projetiva.

Quando a sorte e os homens estão contra mim,¹
Inteiramente só lamento meu estado de desamparo
E importuno os céus insensíveis com meus gritos
[inúteis,
E contemplando-me, amaldiçoo meu destino,
Querendo ser como alguém mais rico em esperança,
Ter a aparência dele, e como ele, amigos,
Desejando o talento deste, daquele a influência,
No pior descontentamento com o que mais aprecio;
Contudo, quando nesses pensamentos chego quase a
[me desprezar,

¹ Tradução de Guiomar G. Boscov.

Felizmente penso em ti, e meu estado então
(Como o da cotovia que ao amanhecer se alça
do sombrio chão) canta hinos junto do céu,
Pois a lembrança do teu doce amor tamanha riqueza
[traz
Que então desdenho trocar meu estado pelo dos reis.

*When in disgrace with Fortune and Men's eyes
I all alone beweeep my outcast state,
And trouble deaf heaven with my bootless cries,
And look upon myself and curse my fate,
Wishing me like to one more rich in hope,
Featur'd like him, like him with friends possess'd,
Desiring this man's art, and that man's scope,
With what I most enjoy contented least;
Yet in these thoughts myself almost despising,
Haply I think on thee, and then my state
(Like to the lark at break of day arising
From sullen earth) sings hymns at heaven's gate,
For thy sweet love rememb' red such wealth brings,
That then I scorn to change my state with kings.*

Ao ouvir isto, independentemente do que se pode sentir quando não se está ocupado com o trabalho profissional, podemos considerar que a dor e a ansiedade sentidas sensorialmente se transformam e ficam psiquicamente aliviadas pela verdade, que é a essência do não-sensorial.

Alguns séculos depois de Shakespeare, surgiu Freud, outro gênio. Ele nomeou as mesmas emoções e pensamentos com os quais Shakespeare tinha convivido e cantado em prosa e verso, e deu-lhes ainda um atributo clinicamente dinâmico obtido através de sua experiência com pacientes. Chamou-os de realidades psíquicas. Estabeleceu conclusões nunca antes concebidas e expandiu suas descobertas até chegar a uma poderosa formulação que chamou de psicanálise.

Em nossos dias, Wilfred Bion estabeleceu como a observação da realidade psíquica pode ser conhecida na prática atual de psicanálise. Descreveu amplamente suas formulações em vários de seus livros, inclusive a regra de que para o analista cada sessão não deve ter história nem futuro e a necessidade vital de que o analista se discipline para suprimir desejo e memória, na medida do possível, no sentido de intuir e ser capaz de interpretar o desconhecido no paciente como algo distinto do já conhecido.

Considero na minha experiência nessa área que o tema da nutrição para a psique é útil e fundamental. Todo ser humano precisa adquirir para sua mente uma nutrição que tem uma importância correspondente à da comida e da bebida para seu corpo. A comida e tudo o mais relacionado a ela não são transformáveis em algo da ordem do não-sensorial. Isto se aplica a tudo que é sensorialmente desejado e usado na nossa existência através da vida. Tais aspectos de nossas vidas mentais são irrelevantes para a análise.

Creio que o termo *autoridade* engloba tudo que nos é necessário para existir e sobreviver, excetuando-se o não-sensorial. Nenhuma autoridade pode ser exercida sobre o não-sensorial, que é a própria personalidade e ser do indivíduo. Nesse sentido, a sala de análise é talvez, pela primeira vez na história da humanidade, o local onde duas pessoas se relacionam e trabalham o desejo de análise, por parte do paciente, desacompanhadas de qualquer autoridade, com uma gradual eliminação de subterfúgios, mentiras e meias-verdades. Tudo que é sensorialmente necessário e habitual na vida pode prosseguir: os elementos sensoriais podem ser utilizados pela intuição do analista na sua observação do não-sensorial. Essa teoria aplica-se à parte desconhecida da experiência que o paciente tem de si mesmo.

Os pacientes falam do que sentem e percebem por meio de seus sentidos. Observando isto como uma derivação da natureza sensorial da autoridade existe um envolvimento implícito de toda instituição conhecida do homem, incluindo a própria psicanálise. Em contraste, a explicitação do não-sensorial depende da profundidade em que a análise pessoal do analista ocorreu, e em que

grau desejo e memória são suprimidos pelo analista. O não-sensorial emerge, nas palavras de Bion, da escuridão e da ausência de formas. Na minha experiência, isto fornece um clima mais propício para se testemunhar o que está acontecendo na sessão.

Um dos aspectos que essa maneira de operar em análise evidencia é a constância com que a alucinação funciona como pano de fundo. Podemos observá-la, por exemplo, numa crise que explode entre pai e filho. Uma batalha emocional surge, tal como as que vemos freqüentemente entre pais e filhos adolescentes, apesar de que não com a tristeza, beleza e intuição aguda que Shakespeare poderia lhe dar. Seria talvez interessante lembrar como ele lidou com isso no quarto ato de *A Segunda Parte do Rei Henrique IV*. O rei está à morte e chama por seu filho Harry, seu herdeiro ao trono, e que com Falstaff e sua turma em Londres, tem sido um farrista. O rei e seu filho sentam-se a sós e Harry fala com grande carinho. Num certo momento o rei adormece, e o príncipe ao seu lado acredita que ele tenha parado de respirar. Ele toma da coroa que está sobre o travesseiro, coloca-a sobre sua cabeça, caminha para o aposento ao lado onde chora e fala em voz alta consigo mesmo, expressando ódio pela coroa que ele acha que contribuiu para a morte do pai. O rei acorda assustado por ver-se só, e grita por socorro ao ver que a coroa desapareceu. O príncipe é encontrado no aposento vizinho e volta dizendo: “Nunca pensei que pudésseis novamente falar”.² O rei então começa seu discurso com as famosas palavras: “Teu desejo, Harry, era o pai de teu pensamento”,³ e o repreende severamente com palavras amargas: “Tendes um rufião que jura, bebe, dança, passa as noites na orgia, rouba, assassina e conhece a arte de cometer os mais velhos crimes da maneira mais nova?”.⁴ O príncipe responde com dor tão profun-

² “*I never thought to hear you speaking again*”.

³ “*Thy wish was father, Harry, to that thought*”.

⁴ “*Have you a ruffin that will swear, drink, dance, revel the night, rob, murder and commit, the oldest sins in the newest kind of ways?*”.

da e autêntica que o rei diz: “Oh! meu filho, foi o céu que te inspirou a idéia de levá-la [a coroa], a fim de que pudesses melhor conquistar a afeição de teu pai”, “Deus sabe, meu filho, por quais sendas, por quais vias indiretas e tortuosas, atingi esta coroa”.⁵

Segue-se a procissão da coroação do jovem rei Henrique V. Falstaff fala com ele de maneira familiar, ao que o novo rei lhe responde severamente, separando-se dele para sempre: “não presumas que [eu] seja a pessoa que [eu] era”.⁶

Confirmando a qualidade da intuição de Shakespeare, deve-se notar a proximidade da fala do velho rei a seu filho — “Teu desejo, Harry, foi o pai desse pensamento” — com algo mais recente em nossos tempos. No primeiro trabalho de importância considerável que Freud publicou, *A interpretação dos sonhos*, ele escreve, no capítulo VII: “O pensamento é nada mais que um substituto para um desejo alucinatório; e é evidente por si que os sonhos devem ser realizações de desejos, pois nada além de um desejo pode pôr a funcionar nosso mecanismo mental”.⁷ Shakespeare não colocou a palavra “ação” ou uma equivalente na fala do rei, mas sim a palavra “pensamento”, o que sugere que ele sabia ou compreendia emocionalmente a qualidade sensorial do pensamento mantido pela alucinação, e obviamente, a ação que se segue a esta, como no escrito de Freud.

Se o pensamento, como achava Freud, é produzido alucinatoriamente, podemos ver freqüentemente esse fato ocorrendo

⁵ “O, my son, God put it in thy mind to take it hence, that thou mightest win the more thy father’s love”. “God knows, my son, by what by-paths and indirect crooked ways I met the crown”.

⁶ “Presume not that I am the thing I was”.

⁷ “Thought after all is nothing but a substitute for a hallucinatory wish; and it is self-evident that dreams must be wish fulfillments since nothing but a wish can set our mental apparatus at work”. Freud, Sigmund, *The Interpretation of the Dreams*, 1900, London, The Hogarth Press and *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Standard Edition*, volumes IV, V, p. 567, 1958.

em análises em que a hipérbole se torna acentuada, dando-nos ampla visão de até que ponto a intuição do paciente está presente, e portanto até que ponto o não-sensorial prevalece. Entusiasmo e mudanças no sentir do paciente na transferência são freqüentemente indicativos de alucinações emergindo como ação emocional. O fato absoluto constante com o qual estamos familiarizados está com certeza sendo atuado. Neste sentido, vem à mente que Freud pedia a seus primeiros pacientes que não tomassem decisões importantes durante o tratamento. Entre inúmeras manifestações disso, uma das mais impressionantes é o início de namoro na fase ascendente, ou fim de namoro ou destruição do amor em outro ponto do ciclo.

O que eu chamaria de indicador entre o sensorial e o não-sensorial é a frustração. Hamlet diz a Guildenstern: “Só fico louco com o nor-noroeste; quando o vento é do sul, posso distinguir um falcão de uma garça”.⁸ Frustração é sinônimo de autoridade e esta é a marca registrada de nossa civilização. Não podemos viver sem ela, mas não somos autoridades. Os homens são meramente expositores de fatos mentais e emocionais da maneira como foram vistos e sentidos por eles, e a ilusão ou alucinação de autoridade é um fenômeno humano natural. A autoridade não tem lugar no não-sensorial.

Assistindo o drama de Hamlet é equivalente a ver uma psicanálise de fora e não percebendo que ela é aparentemente muito diferente da vida real, mas que transmite dela muito mais. Polônio diz: “[...] dessa maneira nós, com sabedoria e desígnio, guindando e experimentando caminhos tortuosos, chegamos a caminhos certos”.⁹ Dessa última frase — experimentado caminhos tortuosos chegamos a caminhos certos — contemplamos aquilo no que o

⁸ “*I am but mad north-north-west. When the wind is southerly I know a hawk from a hand-saw*”.

⁹ “*and thus do we of wisdom and of reach, with windlasses and with assays of bias, by indirection find direction out*”. A palavra utilizada por Shakespeare, *windlasses*, designa um aparato mecânico utilizado para levantar ob-

paciente confia quando suas associações são sensoriais, isto é, “caminhos tortuosos”, e podemos trabalhar com ele em direção aos “caminhos certos”, ou seja, o não-sensorial. Na enorme rajada de alucinação com que Shakespeare desperta a percepção de Hamlet ao ver e ouvir o fantasma de seu pai, o que existia nele de informe e impotente se revela e ele muda.

Há uma providência especial na queda de um pardal.
Se não for agora, será depois. Se não for agora,
ou depois, algum dia será.
Estar pronto (para morrer) é tudo.

*there's a special providence in the fall of a sparrow.
If it be now, 'tis not to come; if it be not to come,
it will be now; if it be not now,
yet it will come: the readiness is all.*

Aqui a parte não-sensorial do propósito de Hamlet torna-se densa e o curso inevitável dos eventos altamente saturados prossegue até o seu catastrófico fim. Shakespeare já sabia o que Freud descobriria muito mais tarde. Não se sabe com certeza se ele havia lido ou ouvido falar do *Édipo* de Sófocles, se se baseou em alguém ou se desenvolveu o tema por si mesmo. A alucinação corre feroz na peça, com grande ênfase na autoridade como sensorial, o “algo está podre no reino da Dinamarca”,¹⁰ em contraste com a verdade das paixões humanas, do não-sensorial.

O que quero assinalar é esse duplo aspecto da realidade psíquica. Ponderar sobre sessões de análise faz lembrar que, na apre-

jetos pesados, composto de uma corda ou uma corrente enrolada em volta de um cilindro e movido por um motor. Pode ser traduzida em português por sarilho ou molinete. O verbo utilizado em português, “guindar”, tem um sentido de içar, levantar, e como algo que é içado, por exemplo, fica balançando para lá e para cá sem rumo, parece-nos adequada essa tradução. (N. da T.)

¹⁰ “*something is rotten in the state of Denmark*”.

ciação das peças de Shakespeare, é importante não tentar entendê-las enquanto as assistimos no teatro. Analogamente às sessões de análise, muito se lucrará com reflexão *a posteriori*. Acho que é porque o subjacente na alucinação, como nos sonhos, requer reflexão, para que possamos nos situar naquilo que testemunhamos sensorialmente, evitando assim confundi-lo com o não-sensorial. Aliás, esta é a verdadeira razão para se ir ao teatro ou para fazer psicanálise.

Se tomamos como exemplo *Ricardo III*, sem relacionar a peça à psicopatologia, ou seja, não como psicanalistas, confrontamo-nos com uma personalidade brilhante. A peça é feita para ele somente. Seu solilóquio de abertura diz de maneira franca e direta:

Agora é o inverno de nossa desventura.

Now is the winter of our discontent

e logo mais adiante:

E assim, já que não posso mostrar-me como amante,
para entreter estes belos dias de galanteria,
resolvi portar-me como vilão
e odiar os frívolos prazeres deste tempo.

*And therefore since I cannot prove a lover
To entertain these fair well-spoken days
I am determined to prove a villain
And hate the idle pleasure of these days.*

Ele pode conquistar a coroa pelos meios que desejar, pois não depende de ninguém. Qualquer sombra de culpa é repudiada, pois sua mãe o deu à luz aleijado, fato que utiliza como vantagem para conseguir total imunidade de consciência.

Os psicanalistas com certeza conhecem algumas pessoas que sentem e falam dessa maneira. Um dos meus pacientes insiste que

deve continuar a sentir-se superior a ele mesmo. Para afugentar sentimentos de culpa e a dor de massacrar a verdade dentro de si, ele não consegue viver sem alucinar. Uma longa análise trouxe-o a esse momento decisivo. Sendo o dinheiro o seu objeto ideal, ele é muito capaz na vida profissional, porém pode trair as mulheres com toda a tranqüilidade, mentir e trapacear em seus negócios. Jura lealdade a seus filhos pequenos e chora lágrimas de crocodilo pelas ausências que o distanciam deles, ao mesmo tempo quer me fazer sentir o tempo todo o quanto ele sofre. Ricardo argumenta que a privação que sua mãe lhe causou por trazê-lo ao mundo como aleijão, somente a coroa poderá compensá-la. Da mesma forma que Ricardo, a intuição mais sutil de meu paciente está dirigida a prevenir frustrações. Mesmo assim, tenho notado alguma evolução na análise. Ele é o tipo de paciente que fez um trato com o Demônio, como o *Fausto* de Goethe ou o *Doutor Fausto* de Marlowe. Estas são peças que nos séculos XV e XVI eram chamadas de peças moralizadoras, mas o tema é ainda bem vivo, como no caso de meu paciente. O sensorial é irresistível e o não-sensorial mantido à distância, porém sempre aparecem pequenas infiltrações suficientemente dolorosas, caso contrário tais pessoas não procurariam análise.

Existe um elo ligando este assunto à superstição e afeta a todos nós em diferentes proporções. Este elo baseia-se na ação dos elementos sensoriais sobre a psique. O que quer que seja que se aproxime de algo que desvie a atenção do sensorial, é evitado, de modo que o não-sensorial fica excluído de qualquer abordagem que poderia diminuir a força alucinatória da superstição. Além da superstição, há uma ligação com esse aspecto nas análises, como, por exemplo, na função de negação e *splitting*. Menciono esse particular em vista da dupla corrente de realidade psíquica que é tão evidente, ou também, da ansiedade resultante de confrontação iminente.

Segue um breve relato de algo diferente numa sessão de análise. Uma mulher solteira, de vinte e poucos anos, depois de alguns meses de trabalho me fala sobre seus sentimentos de pânico. Re-

lata que um dia estava sentada numa creche observando crianças pequenas. Isso fazia parte do treinamento dela em psicologia. As crianças estavam à vontade e a rodearam. Num dado momento, uma das criancinhas começou a chorar para ser tomada ao colo. Ela experimentou uma confusão paralisante e total impotência para pensar ou decidir o que fazer. Este é um quadro do que eu já havia observado, de outras formas, em sessões prévias. É um conflito não-resolvido ou insolúvel entre a autoridade encarada como absoluta e a dor de não se sentir livre para desfrutar de uma inerente espontaneidade maternal, temendo obviamente uma catástrofe. Que se pode pensar disso? Que sonhos jazem escondidos? Uma visão possível seria que na transferência as palavras da paciente poderiam ser entendidas como uma fantasia, naquela circunstância, em que ela era uma criancinha necessitando de meus cuidados maternos, juntamente com um sentimento de dor por eu poder fazer tão pouco por ela nesse momento de sua vida; ou, inversamente, eu como criancinha necessitando atenção, já que de fato eu nada disse naquele momento, e a dolorosa impotência dela, como mulher adulta, em me ajudar. Podemos lembrar, por um lado, a descrição de Charcot — “Encarar os fatos, vez após vez, até que estes nos falem” —, e por outro lado, a referência de Melanie Klein relacionada à interação, constantemente observável, entre as posições esquizo-paranóide e depressiva. Mas caso eu sinta que o conflito no qual a minha paciente está enclausurada é uma representação do seu motivo para a análise, sem que saiba qual é, devo permanecer na escuridão e observar o que resultará daquilo que não tem forma.

Shakespeare como dramaturgo usou muito a alucinação para apresentar a ação que dela deriva. Quando Próspero, em *A tempestade*, diz “Nossos divertimentos já acabaram....” e depois, “Somos feitos do mesmo material que os sonhos e nossa curta vida acaba com um sono”¹¹, ficamos encantados com a sensibilidade

¹¹ “*Our revels now are ended...*”, “*We are such stuff as dreams are made on, and our little life is rounded with a sleep*”. Próspero, ato IV, *Tempest*.

de Shakespeare em captar a realidade psíquica. Miranda diz “Oh maravilha! Quantas criaturas belas estão aqui! Como é bela a Humanidade! Oh! esplêndido mundo novo em que vivem tais pessoas!”, o seu pai (Próspero) acrescenta “É novo para ti?”¹². Caliban diz a Próspero que ele (Caliban) aprendeu o idioma para poder blasfemar; mas a passagem mais singela termina com Caliban dizendo, depois de um sonho amplamente satisfatório, “Tão real me parece que, ao acordar, choro querendo sonhar mais ainda”¹³.

Sigo imaginando uma sessão de análise: Próspero deixa claro que tem que ser “neste momento”, como se a alucinação não admitisse ser adiada, o que é verdade psiquicamente falando. A palavra “agora” ocorre 79 vezes na peça: assim como no decorrer da sessão de análise, nem antes, nem depois. De modo que, o que quer que seja que o paciente esteja dizendo, podemos entendê-lo como algo acontecendo naquele exato momento e assim interpretá-lo, transformando o sensorial em não-sensorial. Então, ao longo das marchas e contramarchas emocionais que acontecem na transferência, com o aprofundar do relacionamento, os aspectos negativos se tornam mais aguçados e a realidade não-sensorial aumenta com um autêntico reconhecimento da dor e da satisfação, à medida que o sensorial cede.

Se este trabalho parece escasso em “substância” clínica, é devido à maneira como pratico a psicanálise. Planejo o meu percurso pelo fator evolução; e há um *continuum* até um futuro que não sabemos qual é. Uma linha digna de análise está no soneto 111: “[Daí vem que] o meu natural quase marcado seja / Como a mão do tintureiro”¹⁴.

Quanto ao significado disso tudo, encontrei uma citação de Flaubert que foi mencionada por Marguerite Yourcenar nas notas de seu livro *Memórias de Adriano*. Achei que ela expressava

¹² “O brave new world! That has such people in’t”, “’tis new to thee”. Miranda, ato V.

¹³ “I cried to dream again”. Caliban: ato III.

¹⁴ “[...] my nature is subdued by what it works in, like the dyer’s hand”.

bem o papel da psicanálise, desde que o analista consiga suportar a pressão da autoridade e assim proteger a verdade prometida implicitamente.

Como os deuses não mais existiam,
e Cristo ainda não viera,
houve, entre Cícero e Marco Aurélio,
um momento ímpar, em que só o Homem existiu.

*Les dieux n'étant plus,
et le Christ n'étant pas encore,
il y a eu, de Cicéron à Marc-Aurèle,
un moment unique où l'homme seul a été.*

Podemos pensar de maneira semelhante a Flaubert. No momento a psicanálise está só no mundo. Como ela evoluirá? Gosto do pensamento de Flaubert: ele sugere respeito pelo não-sensorial como algo distinto da institucionalização da autoridade. Se a sua citação tivesse sido feita por um paciente em análise, ela revelaria *insight*, sinal de progresso. Isso me faz lembrar também a escolha de Freud de uma citação de Virgílio — “Caso eu não consiga apaziguar os deuses, movimentarei o Inferno”¹⁶, — achamos que ela aponta para a origem da própria genialidade de Freud, que surge da profundidade desconhecida dele próprio.

Um analista que jamais ouviu falar do trabalho de Bion, especificamente de sua recomendação de suprimir desejo e memória, e da mudança proveniente dessa maneira de abordar a prática da psicanálise, poderia indagar: para que serve a realidade psíquica? o que ela tem a ver com a análise? como é vista? — e assim por diante. E se a deixássemos como está? Creio que seria uma grande perda.

Ao descrever a minha experiência como me foi possível, espero ter feito surgir seu significado. Como uma espécie de analogia com

¹⁶ Virgílio, *Eneida*, livro 7, v. 312, — “*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*”.

a psicanálise na esfera moderna, pensemos nos raios laser, palavra formada com as iniciais de *light amplification by stimulated emission of radiation* (a amplificação da luz pela emissão estimulada de radiação). A partir do que os nossos avós teriam chamado de “nada”, simples luz do dia, quando manipulada de uma certa maneira, foi criado um poderoso meio para um instrumento de utilidade real. Da mesma maneira, a realidade psíquica também é “nada” até ser detectada e dela se fazer uso real para a prática da psicanálise.

A propósito, devemos isso a Freud que descreveu em certa ocasião como, ao analisar, descobriu que, para focalizar um determinado ponto, ele próprio precisava ficar artificialmente cego. Assim sendo, é fácil agora imaginar que, para focalizar o não-sensorial, ele da mesma forma obliterou o sensorial. Mencionei em poucas palavras que Bion investigou o mesmo procedimento mais profundamente: daí que a base de que trata este trabalho é a observação da realidade psíquica.

Não sou um estudioso de Shakespeare, mas não encontrei em qualquer estudo sobre as suas peças e outros trabalhos que folhee sequer uma dúvida quanto à sua indiscutível sensibilidade para a realidade psíquica. Isso sempre foi intuído — e daí sua grandeza —, mas não especificamente reconhecido pelo que é, especialmente a sua relação com a alucinação. Talvez, graças à psicanálise, tenha sido possível revelar uma qualidade que não era ainda reconhecida nele.

A mesma avaliação aplica-se naturalmente a todas as pessoas criativas do passado e do presente. Um campo novo de investigação poderá se tornar disponível para distinguir qualidades psíquicas peculiares — ao menos para os analistas.

Ao encerrar *Rei Lear*, Shakespeare atribuiu a Albany, quatro linhas antes do fim, palavras que também expressam o conteúdo deste meu trabalho:

“dizer o que sentimos, não o que deveríamos dizer”.

Speak what we feel, not what we ought to say.